

# A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO VI — SÉRIE II

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, §30 — AFRICA, §40 — ESTRANGEIRO, §65

N.º 114 (204) — 17-5-925

Redactor principal:

**Clemente V. dos Santos**

Editor:

António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO

CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:

**José Rodrigues Reboredo**

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

## A "INDEPENDENCIA" ... SINDICAL

Pela discussão curiosamente travada nas colunas do jornal *A Batalha*, verifica-se este facto interessante e paradoxal: os defensores acérrimos do *pacto das esquerdas* também são partidários da *independência* da organização operária, da C. G. T. ...

Ficamos assim um pouco atónitos ante a compreensibilidade da frase *independência*.

A quando do golpe monárquico, a seguir à sidonada que ia atirando com a República a terra, a C. G. T., sem precisar oficialmente de se baralhar com políticos, de se estatelar nos meandros dum *comité* das esquerdas — contribuiu com toda a sua influência revolucionária para a célebre e gloriosa escalada de Monsanto. Nesse momento de perigo em que a reacção já quase tripudiava triunfante, a C. G. T. não teve tempo de efectuar reuniões preliminares para uma acção metódica, calculada e inteligentemente determinada. Mas bastou-lhe saber a intranquillidade que ia por todos os espíritos amantes da liberdade; mas bastou-lhe conhecer a indignação pública que se desenvolvia contra a tentativa ultramontana e restauracionista da monarquia — para que formulasse o seu formidável chamamento às armas a que correspondeu, entusiasticamente, a massa popular lisboeta...

Foi nesse momento que se obaervou, sem que a C. G. T. se desmandasse da sua característica, a chamada *união ocasional*, constituída espontaneamente na rua, formada espontaneamente nas barricadas: então não se perguntava a este ou àquele de onde vinha — o mesmo desejo de abater o monstro j suítico-monárquico impeliu as massas ao assalto à serra...

E' natural que este facto his-

tórico não tenha valor algum para o caso presente. E como parece que as palavras vão seguindo uma *evolução* num sentido de antítese, é muito natural também que a atitude da C. G. T. naquela ocasião assumida, se lhe possa apelar de *dependente* em vez de *independente*...

Na revolução do Parque Eduardo VII, pela qual foi derribado o partido democrático, a central operária não fugiu da mesma linha de conduta: apesar do ódio que existia entre as classes trabalhadoras contra a reacção verde-rubra da *formiga branca*; apesar da indignação proletária que por esse país fora ia contra a ditadura *afonsina* que encarcerava militantes, agredia anarquistas e sindicalistas e assaltava, espantava e encerrava sindicatos — a organização sindicalista revolucionária não precisou de comprometer o seu nome, de se ligar a outras facções extra-sindicais para que o consulado de Afonso Costa fôsse destruído: a massa popular, os revolucionários sociais, espontânea e *ocasionalmente* se encontraram na luta contra a *formiga*...

Isto demonstra que a neutralidade da organização sindicalista revolucionária em frente de todos os partidos aspirantes pelo poder, não impede, quando bem interpretada, que a C. G. T. não desenvolva toda a sua acção revolucionária contra todas as tiranias e a favor de todas as liberdades — se é que ela ainda conserva o seu espírito anticorporacionista e apolítico, se é que ainda não perdeu o seu anterior carácter libertário.

Há três anos aproximadamente que se fala numa ditadura das direitas, patronal; há meses que se vem agitando o perigo dum ditadura da União dos Interesses Económicos,

duma ditadura patronal-militarista chefiada por Pereira da Rosa-Cunha Leal.

Os sindicatos operários do país reuniram-se por diversas vezes e formularam os seus protestos; as centrais locais fizeram outro tanto; houve comícios públicos: espiritualmente, pois, as massas estavam ao corrente do que se passava, estavam avisadas para que no primeiro momento de brado às armas, abandonassem oficinas, fábricas, escritórios, repartições — e acorressem à rua, às barricadas. Os revolucionários sociais nada mais tinham do que, no seio das massas, incutir-lhes mais ânimo, imprimir-lhes uma melhor orientação no sentido mais libertário e eficaz da luta.

Se o Comité da C. G. T. não podia, no preciso momento psicológico, reunir o Conselho — pelo menos devia envidar todos os seus esforços para imprimir uma vibrante proclamação ao operariado, incitando-o ao cumprimento das suas próprias resoluções, incitando-o à defesa da sua liberdade e das regalias já conquistadas — crente de que ele saberia compreender a gravidade do momento e o alcance do apêlo confederal.

Mas porque talvez achasse insufficiente as reuniões anteriores do operariado, quiçá desconfiasse de que as massas não atenderiam ao apêlo *independente* da C. G. T. — foi incubar-se num *comité* político das esquerdas, a fim de receber uma injeção de prestígio... alheio, para honra e brio da *independência* da organização sindicalista revolucionária... E' curioso...

E' verdade que há quem diga que a C. G. T. também agiu no campo que lhe é próprio e que, mesmo que não estivesse no *comité brucoloso*, a sua acção não poderia ir mais longe...

Se assim é, para que foi preciso ir até à *importância* política dos partidos da esquerda mendigar-lhea a assinatura

para uma proclamação que a C. G. T. tinha a facilidade de tirar isoladamente?

Se a sua acção não poderia ir mais longe, para que foi necessária a mescla, o amálgama de acô-dos entre a organização operária e os políticos?

Bons tempos em que havia menos *oráculos* e mais respeitadores dos princípios...

Mas como isto promete, temos tempo de mais alguma coisa dizer — tanto mais que se salienta um receio do sindicalismo se *anarquizar*, porque é preferível, *transitoriamente*, que ele escorregue na união política das esquerdas...

## Uma... acertada

Cá vai uma, com muito acerto, do fazedor das *Várias Notas* do *Notícias*:

Aí «vou ter contra mim meio mundo... O que se está passando com os excessos de *sport* é um crime. Da geração nova actual, 70 por cento caminham ou para a tuberculose ou para a lesão cardíaca. Eu não sou contra o *sport*, mas este excesso do ponta-pé na bola tal como se pratica em Portugal, *sem método e sem preparação*, não é *sport*: são guias de marcha a praso curto para o outro mundo.

Ainda ontem foi para o Alto de S. Jão um rapaz na flôr da vida, 18 anos, e filho do meu pobre camarada, Costa Leão por excesso de *foot-ball*.

Não está certo.»

Lá isso não. Esta maluqueira não revigora a raça: degenera-a, imbeciliza-a, e fá-la ir precôdemente a caminho do cemitério.

Mas como esse *sport* agrada e serve os interesses dos exploradores do povo, o jornalista não se cança em o exultar.

Que tristeza!

## REFLEXÕES

## A nossa opinião ante os últimos delitos

A imprensa burguesa e mercenária, rameira entregue às desmedidas ambições dos escritores retribuídos a tanto por linha; essa imprensa banal e frívola que se tem como educadora e orientadora da opinião pública, ao fazer a descrição circunstanciada dos últimos delitos, parece que remexeu numa cloaca imunda, afim de arrancar do seu fundo pestilento, as emanções pestíferas com que sejam as colunas das suas páginas de catequização aleivosa e porca. Essa imprensa de grandes tiragens fíctivas, ao falar dos casos morbidos da rua de Camões e de Mosteirô (Vila do Conde), não fez mais do que excitar, por meio da sugestão inconsciente, os instintos de fera adormecidos na mulher e no homem.

«O Primeiro de Janeiro», «Jornal de Notícias», «O Comércio do Porto» e outros jornais, bateram o «record» das grandes informações amorfas chamadas sensacionais. Pormenorizaram tôdas as intimidades dos arguidos e estimularam a curiosidade pública para o Mal.

Nos dois casos mencionados, cujos supostos culpados são Ana Teixeira e Januário da Silva Oliveira, não demonstraram o *porquê*, as causas e efeitos determinantes, antes relataram, com requintado cinismo, a vida íntima de algumas pessoas; pondo em dúvida os sentimentos das mesmas, fizeram-nas passar como seres perversos; negaram ainda a sua dignidade, apresentaram-nos como pessoas sem moral, degeneradas e corruptas; monstros cruéis, sem sensibilidade alguma; puzeram ao sol, em plena via pública, os farrapos sujos, tôdas as intimidades dum lar destruído pela exaltação dencética de dois aêres mal correspondidos no seu amor. E o público ignorante, como criança inocente, devorou os jornais diários bem dossificados na história que deu *motivo* às acções inconscientes, mas trágicas, de Ana Teixeira e de Januário da Silva Oliveira. Esta curiosidade pertence a uma inclinação do espírito humano pelos sucessos extraordinários e anormais da vida.

Estes factos, em si, são factos morbidos que, com a influência jornalística, vão criar monstruosas deformações morais, trágicas aberrações nos cérebros enfraquecidos pelos

preconceitos convencionais, impellindo-os para a deliquência na progressão dos chamados crimes. E o resultado é a sugestão das crianças que, influenciadas pelas nefastas informações periodísticas, vão corromper a lucidez do seu cérebro.

A prova concreta e positiva da nossa afirmação, está nestas palavras ouvidas a um pequeno que não sabe lêr:

—«Hoje não me deito até que o meu pai venha com o jornal e leia em voz alta a descrição dos crimes de Ana Teixeira e Januário da Silva Oliveira que, em Mosteirô (Vila do Conde), assassinou a namorada e estrangulou a avó desta.» Este facto inédito é digno de um aturado exame e de uma profunda análise psicológica. E tanto é assim, que êle deu motivo às nossas lacubrações espirituais e às nossas *Reflexões*, as quais deram paternidade ao presente artigo como demonstração da nefasta orientação da imprensa burguesa.

Aos comentários expostos, apresentamos o seguinte conselho:

Ninguém deve cair na vulgaridade de se interessar pela descrição dos delitos relatados pela imprensa mercenária do capitalismo. Que êsse interesse fique para os jornalistas retribuídos a um tanto por linha, amantes de literatura banal, amorfa e degeneradora do bem integral. O que todos devemos procurar é dilucidar o processo psicológico da sugestão e da indução *determinante*, justificando as causas e efeitos. Quem pode chegar até ao fundo das consciências mórbidas? O coração humano, devido aos preconceitos da falsa educação oficial, defendida pela falsa convenção jornalística dos super-órgãos da publicidade, é insondável. Onde está a linha divisória do Bem e do Mal? Juridicamente, convencionalmente, jornalisticamente, talvez esteja, sofismáticamente, onde a burguesia quiser. Porém, psiquiatra e psicologicamente, estão no plano das causas *determinantes*, no plano trágico do *porquê*.

¿Ana Teixeira e Januário da Silva Oliveira tiveram a consciência do mal que fizeram? ¿Poderam medir todos os efeitos e conseqüências dos seus actos? ¿Não foi a sua obra mais além da sua vontade? Nós jul-

gamos que ninguém, com pleno conhecimento e consciência perpetra o mal na pessoa do seu semelhante. Aqueles que os teem, procuram fazer o que fez o personagem Raskolnikoff, criado pelo escritor russo Dostolewky. Assim, a tragédia conquista o equilíbrio. Mas não; um delinqüente empedernido, é sempre um imbecil moral, pobre inconsciente, um faminto espiritual que necessita uma alimentação racionalista, um tratamento psiquiátrico, com métodos persuasivos que iluci-

dem o seu cérebro doente e o fortaleçam com a verdade das coisas do bem.

¿Que pena do tempo perdido na leitura dos jornais que descrevem os grandes crimes e põem na praça pública os sentimentos de cada um, relatando a vida íntima das criaturas!

Se estivessemos num teatro, ante semelhantes scenas, seria activo de as patear.

P. ACRATA.

Porto, Abril de 1925.

## A Associação Internacional dos Trabalhadores

Sua história, suas ideas, seu futuro.

Traduzido, pelo Comité Nacional da U. A. P.,  
... da Revista Internacional Anarquista. ...

PRELIMINARES DA FUNDAÇÃO  
DA SEGUNDA A. I. T. (1912-1920)

I

A reconstituição da Internacional operária revolucionária corresponde às organizações sindicais dos países germânicos e escandinavos; nos países latinos tinham surgido expressões platónicas desse desejo, como por exemplo em Espanha e na Argentina (1905); porém não se deu passo algum para se materializar esta aspiração; tomaram-se resoluções que ficaram no papel, como demonstração para a história de que não se havia desistido de estreitar os laços de solidariedade e fraternidade com os camaradas dos diversos países; sem dúvida, nem a Espanha, nem a Argentina, julgaram, chegada a hora, de reconstituir a velha Internacional; talvez haja contribuído para esta sua atitude o desconhecimento quase absoluto do movimento operário dos países de idioma diferente. Além disso, ao dissolver-se a primeira Internacional, pela reacção, pelo casso e pelos desvios, a idea Internacionalista sofreu um sério golpe nos factos da vida cotidianas: o movimento operário desenvolveu-se dentro dos quadros nacionais e durante muitos anos a debilidade do conceito práctico do internacionalismo atingiu extremos desconsoladores; apenas rompia o cerco das fronteiras a voz dos mártires das novas ideas, torturados e fuzilados pela inquisição moderna; Espanha teria ficado

desconhecida para os proletários da Europa e da América, se não se tivessem dado as tragédias da Andaluzia e dos mártires do Montjuich; o assassinato do dr. Kotoku no Japão despertou em muitos revolucionários a idea de que a Europa não é o monopólio da luta por um mundo melhor. Aparte essas afirmações internacionais de solidariedade, que se renovavam de quando em quando, a idea internacionalista não teve manifestação alguma no movimento operário. A realidade era o localismo estreito, o movimento do operário catalão contra o operário castelhano, o do operário espanhol contra o operário francês, do francês contra o alemão, etc. Os odios de raça e de nacionalidade actuaram em substituição da idea de fraternidade dos povos e de solidariedade dos trabalhadores. A única doutrina que estava por cima de tôdas as fronteiras, a doutrina anarquista, estava passiva ante êsses factos ou se contentava em cantar hinos platónicos ao conceito de internacionalidade. Fizeram-se tentativas para criar uma internacional anarquista, como a que se criou em 1907; porém o seu campo de acção foi muito restrito e na realidade faltou-lhe os elementos vitais susceptíveis de atrair e interessar as grandes massas.

Em 1912 surgiram isolada-

cialista na cura das *doenças de paixão*, ergueu-se do seu leito mortuário e foi chamá-lo a tóda-a-pressa; e, regressando a casa, tornou a encafiar-se entre as quatro táboas de pinho que lhe tinham destinado como antidoto contra as intempéries, ou como a melhor das comodidades para a «longa viagem!» Entretanto, o médico chegou, salvou a velha e ficou muito admirado com o que tinha visto...

—Então?—gritava triunfante o meu amigo. «É ou não uma realidade, o espiritismo?»

Eu pus-me a rir.—Já tenho visto coisas muito mais espíritas nos palcos dos teatros—respondi-lhe. O que aí está deve ser, por isso, a descrição dalguma peça mágica. E tu, como és um fanático, uma criatura verdadeiramente hipnotizada por um bando de charlatães, tomas por uma realidade o que não passa duma farsa...

O meu amigo largou numa carreira doida.—Que eu era um descrente, mas que ainda havia de me arrepender... É muito provável que ele tivesse razão, se eu possuísse um carácter dúbio como o carácter do Carlos Bates. Mas como, felizmente, não possuo...

Esse meu amigo nunca mais me apareceu. *Desencarnar-se-ia?* Não sei. Mas *desencarnado* ou *encarnado*, aqui vai uma transcriçõzinha que lhe deve ser muito útil.

«A existência dos espíritos — dizia-se — estava plenamente demonstrada; e sábios eminentes como Aksakoff, Zoellern, C. Flammarion, Lombroso, W. Crooke e tantíssimos outros enviaram de todos os pontos do Globo a sua adesão à nova doutrina.

«Na Inglaterra, um fotógrafo-amador obtem a fotografia espírita do general boer Johannes Pietrus Botha, falecido havia alguns anos.

«Era a primeira fotografia espírita.

«A seguir o ilustre físico W. Crook, também na Inglaterra, consegue fotografar o fantasma de Katy-Kin.

«A observação e a própria experiência, numa palavra, a ciência proclamava assim a realidade incontestável do mundo dos espíritos.

«Triunfantes, os propugnadores do estranho mundo, em tom de sarcasmo, bradaram aos

seus adversários materialistas:

Cesse tudo o que a musa antiga canta, Que outro poder mais alto se alevanta.

*Acontece, porém, o que era muito natural que acontecesse.*

«Philipp David, zeloso espirita durante largos anos, converte-se ao naturalismo e revela uma infinidade de trucs.

«Mr. Vaschid, professor de psicologia da Escola de Altos Estudos, na França, estabelece e apresenta a sua interessante teoria do electro-simpatismo, explicando por ela a totalidade dos fenómenos denominados espíritas, enquanto que, na Alemanha, o espíritista Siade, descobertas por uma comissão de sábios as suas fraudes, abandonava Munich, justamente apodado de charlatão.

«Por seu lado, uma revista espírita, francesa, abrindo um inquérito acerca da mentalidade dos médiums, verifica que estes, na sua grande maioria, são indivíduos anormais...

«Há muito que o problema do Além está solucionado.

«No Universo, que é todo material, não há lugar para espíritos.»

E na verdade... Mas ainda há lugar para os nigromantes que procuram fazer acreditar neles. E enquanto houver imbecis que acreditem, ha-de haver nigromantes que os explorem...

PEDRO GUIMARÃES.

## A situação de «A COMUNA»

Como os nossos presados assinantes e leitores deviam ter verificado pelo ultimo balancete publicado, A COMUNA tem, actualmente, um «déficit» de 1.244\$37, «déficit» este que tende a agravar-se muito mais, dado o último encarecimento do papel.

Urge, portanto, que todos os camaradas acorram em seu auxílio, subscrevendo voluntariamente, e, angariando novos assinantes, meio este que reputamos como o mais seguro para garantir a vida do jornal, e com a vantagem de se difundir a propaganda.

## Do que se sabe

### NO CAMPO INIMIGO

Consolem-se os que com as dissidências profundas à nasçença, desmantelaram o partido comunista dêste minúsculo país. Se é certo que um mal nunca vem só, também é certo que há quem sinta um certo alívio ao saber que os males ou as misérias que o atingiram, também não pouparam outros.

No Partido Socialista Italiano lavram, agora, fundas desinteligências, tam fundas que Serrati e os que o apoiavam foram expulsos do partido pelo respectivo Comité Executivo. Serrati vinha há tempo defendendo, na Págin Rosse, o cumprimento das resoluções dum congresso do partido que determinavam a adesão à Internacional Comunista e crêmos que a fusão com o Partido Comunista Italiano. Enquanto Serrati esteve na prisão, outro comité executivo foi eleito, comité que tinha pontos de vista diferentes, apoiados por outra grande parte do partido que, agora, até ameaça irradiar qualquer secção que tente defender Serrati.

Pode ser, mas não o crêmos, que estas dissidências só sirvam a causa fascista, como entre os partidários da política para os operários se julga.

Um partido que só tem sido prejudicial à causa da verdadeira emancipação dos trabalhadores, invadido agora por profundas dissidências! E' caso para se consolarem os comu-

De contrário, A COMUNA mais uma vez será obrigada a suspender, — com enorme mágua do grupo editor e imenso prejuizo para a propaganda dos são princípios comunista-libertários, a sua publicação.

Certos de que este apêlo será atenciosamente ouvido por todos os camaradas sinceros que pelejam pela libertação da Humanidade, esperamos que o seu auxílio não se fará demorar, afim de que fique garantida a regular publicação de A COMUNA.

Aproveitando o momento, lembramos também a todos os assinantes que se acham em débito, para liquidarem o mais breve possível as suas contas, evitando, assim, novas despesas de cobrança, e demora da mesma.

O GRUPO EDITOR DE  
«A COMUNA»

nistas de cá, pois que as misérias que os atingiram também não pouparam outros. E, mal comparado, enquanto os lobos socialistas-comunistas se devoram, folgam os que observam assestadas contra si as baterias do ódio dos partidários de Marx.

M. H.

### COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Encontra-se à venda na redacção de «A Comuna», este interessante folheto de Chueca, edição do grupo «Humanidade Livre».

Preço \$20; pelo correio \$30.

## ANTOLOGIA

### Os argumentos absurdos...

Os compêndios de filosofia dão sempre, como um dos argumentos para provar a existência de Deus, a universalidade dessa crença. O argumento é absurdo e inexacto. Absurdo, porque há crenças universais que são falsas. Todos os homens, todos absolutamente sem nenhuma excepção, acreditaram que era o Sol que se movia em torno da Terra. Apesar de universal, a falsidade dessa crença acabou por ser demonstrada. E é inteiramente falso que a crença em Deus seja universal. Basta lembrar que a religião budista é uma religião sem Deus. O budista admite que o mundo sempre existiu e que os seres nele passam duns para outros corpos até se extinguirem e caírem no Nirvana.

Hoje os budistas desapareceram quase completamente da India; mas existem no Nepal, no Tibet, na China, no Japão, na ilha de Ceilão: são perto de 300 milhões. Numerosas tribus africanas não tem a menor noção dum criador.

Sem nenhum exagêro se pode dizer que um terço, pelo menos, da humanidade, não crê em Deus.

Em 1864, aconteceu na Inglaterra uma coisa que escandalizou imensamente a religiosidade dos ingleses: um inquérito feito nas minas de carvão de pedra revelou que o trabalho dos mineiros era tam bárbaro e tam absorvente, que muitos nasciam e morriam sem jamais ter ouvido falar em Deus. E isso no século XIV, e numa das nações mais religiosas do mundo!...

(De Graves e Fiteis).

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

## LITERATURA

### UM CONSELHO...

Donzelas que passáis, risonhas para a Igreja,  
A ouvir devotamente a voz dum confessor:  
¿Que vos atráí ali? ¿E' o riso sedutor,  
Que a vossa alma infantil ambiciona e deseja?

Esse antro secular, horrendo, só dardeja  
O mal... O padre é negro, é negro o seu amor.  
Não penses, ó mulher, que o novo redentor,  
É aquele que sorri... sorri... mas que te beija!...

...Produto da ignorância, e do êrro, e da mentira,  
A Igreja deu ao mundo, ao som da sua lira,  
Uma lei — que ironia! — a lei da servidão!

¿Queres cumprir, Mulher, o teu maior dever?  
Foge da Igreja, foge! — A Igreja é um poder  
Que traz um Deus na boca e um punhal na mão...

A. ALVES PEREIRA.

### O papel da imprensa "noticiosa,"

Em nenhum caso ressaltam mais dolorosas as conseqüências do malentendido papel da imprensa «noticiosa», como no seguinte episódio de que eu mesmo fui testemunha presencial, há pouco tempo.

Um rapaz de catorze ou quinze anos praticára à tesoura, numa estante do corredor que antecede a grande sala da biblioteca pública, um corte angular sôbre a rêde de arame que protege os livros, e todos os dias ao passar, subtraía por essa abertura oculta, um ou dois volumes da obra de Camilo, que rasgada a rúbrica da casa, ia vender por quatro vintens a um ferro-velho qualquer do Bairro Alto.

Averiguada a falta dos livros, pozeram-se à espreita os contínuos da biblioteca, e logo à primeira conseguiram surpreender sem custo o ratoneiro. Levado à polícia, os repórteres apoderaram-se do caso, e eu tenho em meu poder o número odioso em que o periódico mais prudente e mais popular da capital, não só pro-

gnostica, sob o título de gatuno incorrigível e precoce, ao pequeno, um futuro de crimes insolváveis, como também desce a informar o público dos nomes dos páis, da profissão e da idade dos irmãos, da morada da família, do que a vizinhança contava acerca dela, e detalhe horrível, da doença do avô materno, paralítico há sete anos numa cadeira de rodas!

Ao todo, dezasseis pessoas conspiradas, e tudo isto a propósito duma leviandade de criança... Passam seis anos, o rapazinho está homem, e o pái, honestíssimo velhote que eu conheço, não podendo já fazer seguir um curso a êste filho, resolve ao menos achar-lhe poiso onde êle ganhe honestamente a sua vida.

Procuramos então pelos escritórios e grandes armazéns da Baixa, um lugar vago; temos cartas de recomendação de todo-o-mundo; e como o rapaz é inteligentíssimo, brioso, cheio de actividade e de valor, nenhum de nós perde a esperança de lhe arranjar tra-

balho, a pouco trexo. Entretanto vão-se passando as semanas, e depois das semanas, meses: as promessas não se decidem, os logares vagos preenchem-se sempre antes de nós chegarmos, e dentro de pouco a surda má-vontade geral começa a dar-me angústias.

Um dia insistindo eu com um mercador de confiança, sôbre os motivos prováveis da oculta repulsa que o meu protegido parecia despertar, o homem, depois duma hesitação dalguns instantes, tirou um jornal da secretária.

— Olhe p'ra isto.

Era o infame papel que seis anos antes fizera público o caso da biblioteca, ignominando para todo o sempre o pobre rapaz. E êsse pasquim detestado advinhei-o eu depois em todas as gavetas, era conhecido de todos os comerciantes, e fechando à vítima as portas da vida honesta, avoejava como uma *buena-dicha* criminal, por sôbre o seu presente aflitivo, por sôbre o seu futuro predestinado...

FIALHO D'ALMEIDA.

### A PÁTRIA...

...Assim falou o pái, quando lhe trouxeram, envôlto num lençol, o filho que tinha morrido na guerra:

— ¿E' êste o *bébé* que saltou sôbre os meus joelhos? ¿E' êste aquele rapazinho que cantava, cheio de alegria, quando me via chegar do trabalho? aquele que me levava o jantar ao campo, quando eu, fatigado, me sentava, à sombra das árvores? ¿E' êste o jóvem que trabalhou ao meu lado, fazendo com que o meu coração batesse de contentamento ao ver que tinha criado um homem digno de herdar o meu posto neste mundo?

Assim disse a mãe, chorando:

— ¿E' êste o filho que andou nas minhas entranhas? ¿E' êste o filho que amamentei, que criei, no meio de angústias, de tristezas e alegrias? ¿E' esta a criança, de passo vacilante, que se agarrava às minhas saías? ¿E' êste o homem que me enchia de orgulho, e a quem esperava ver a meu lado e ao lado de meu marido, enquanto envelheciamos na dôce paz do nosso lar?

Assim disse a noiva, entre soluços e horrivelmente pálida, escondendo a cabeça entre as mãos:

— ¿E' êste o terno amante, cujos olhos pareciam devorar-me, e cujos braços sinto ainda a enlaçar-me a cintura? ¿E' possível que êste corpo inanimado seja o daquela criatura que, com o seu amor, as suas carícias, os seus beijos, dava uma felicidade infinita ao meu coração, uma felicidade que jamais foi sentida por qualquer outra mulher? ¿E' êste o corpo do homem que sonhei para pái dos meus filhos? Meu deus! ¿Que fiz eu para sofrer tanto?

E as criaturas, que tinham trazido aquela massa de ossos quebrados e carne desgarrada, e que entraram na habitação para deixar, aí, os sinistros despojos da guerra, disseram, ao saír, ao pái, à mãe e à noiva:

— Consolai-vos, infelizes! O vosso filho cobriu-se de glória! Morreu heróicamente pela pátria!...

O pái, a mãe e a noiva, entreolharam-se. Depois, baixaram a frente e murmuraram:

— A PÁTRIA!

Oh! maldita seja a Pátria!...

HARRY KEMP.

### Um sôro

No *Quotidien*, diz-nos Leão Lefranc:

«Um médico americano descobriu, ao que nos transmitem, um soro que, injectado nos indivíduos, os obriga a dizer a verdade.

«Até à data, êsse soro só foi aplicado aos acusados.

«¿E se o applicassem aos candidatos a deputados, especialmente em periodo eleitoral?»

Bate certo. Diriam boas coisas sôbre os seus intuitos e desmascarar-se-iam...

### “Os sem Deus nem Amo”

Reuniu êste grupo, na quinta feira p. p. e apreciou vários assúntos, entre os quais, as perseguições movidas aos militantes operários que se encontram encarcerados nas masmorras da República, resolvendo efectuar uma sessão de protesto, amanhã, segunda feira, na rua Entreparedes, 33-1.º. Para assistir a essa sessão convida todos os grupos anarquistas e a classe trabalhadora em geral.

# MOSCOU OU BERLIM?

**A todos os militantes e não militantes da organização operária; a todos os leitores de A COMUNA, anarquistas ou não anarquistas**

*Mas nós, que somos anarquistas, devemos ficar anarquistas, e agir como anarquistas antes, durante e depois da revolução.*

ERRICO MALATESTA.

Todos os governos, seja qual fôr a vestimenta garrida com que se apresentem, são uns camaleões. A sua condição essencial é mentir descarada e continuamente às multidões subordinadas, as quais devem simplesmente seguir esta tática: acreditar com cegueira incrível em tudo quanto lhe é dito pelo postigo dourado de todo e qualquer Krenlim poderoso...

O governo russo, lá porque envergou a casaca do bolchevismo deturpado, não pôde escapar ao *materialismo histórico* dos seus colegas ditatoriais do passado, acompanhando regaladamente os presentes. Assim, muito acertadamente andou Berkman quando comparou Lênine a Thiers e Trotski a Galifet.

Podiam, relativamente a certas atitudes, ser iguados a Bonaparte e a Napoleão, o *pigmeu*, que da fidelidade à República passaram a seus estranguladores. É certo que Lênine e Trotski ainda não liquidaram a República moscovita, e acreditamos que não pensam em tal. Em compensação, porém, o verdadeiro sistema soviético foi-se à viola; as verdadeiras aspirações populares foram abafadas em sangue. O autêntico carácter da Revolução foi atraído...

As acções do governo russo fazem-nos recordar os actos dos nossos governos republicanos.

A princípio, desculpavam-se que enquanto a República não estivesse bem consolidada e livre de todos os ataques e incursões dos conspiradores monárquicos e clericais, não podiam dispensar um minuto no estudo das reclamações proletarianas, na aplicação das promessas bombásticas feitas na época revolucionária da propaganda antibrigantina.

O operariado acreditou na *sinceridade* governamental e pegou, por diversas vezes, em

armas para defeza da República. Ah! o operariado de Lisboa e Porto principalmente era bem *republicano*, era bem a vanguarda revolucionária que jamais abandonaria a República nos momentos de perigo. Por isso merecia toda a consideração por parte do Krenlim democrático, em permanente ditadura.

Qual foi essa consideração, ainda está na memória de todos: o esmagamento de todas as reclamações operárias, a invasão dos sindicatos, as prisões em massa, os assassinatos a sangue frio...

Estes erros trouxeram a irritação e a desconfiança ao povo trabalhador e prepararam o ambiente favorável ao golpe de estado de Sidónio, que se sucedeu à ditadura democrática. Depois do golpe sidonista, a rebelião monárquica, que ia por completo sepultando a República. Novamente ela é salva pelo povo num momento em que os enfiados chefes republicanos andavam a monte...

Desta vez, sim, os governantes iriam ter juízo; a República iria emendar-se dos seus defeitos, penitenciar-se dos seus erros, ser progressiva e atenciosa para as justas aspirações das classes produtoras e escravizadas...

Bem, vamos lá vêr, disseram todos... E, decorridos os anos, nós estamos a vêr na trampa em que tudo isto caiu; vemos a República entregue, pelos próprios republicanos, nas mãos da reacção, que facinorosamente prende os militantes operários e persegue os trabalhadores em geral...

Na Rússia tem-se passado factos idênticos, e a única diferença talvez encontra-se no sanguinarismo com que os falsos e as repressões são efectuados.

O operariado de Petrogrado e Cronstadt, de preferência, era

considerado a fina fiôr da Revolução, a guarda avançada disposta a todos os sacrifícios. O seu espírito revolucionário, contudo, não era de meias tintas: exigia a máxima liberdade para o povo, maior respeito, melhor tratamento, a satisfação das mais caras aspirações sob o ponto de vista económico e social.

Que esperasse, porém, o operariado: «o serviço militar universal, com pena de morte para quem o combatesse; o trabalho forçado, sob pena legal de arresto e castigo dos refractários; o recrutamento industrial e agrário dos camponeses; o comunismo militar nas cidades e requisições no campo, definidas por Radek como simples saques das colheitas (*International Presse Correspondance*, edição inglesa, vol. I n.º 17); a repressão dos protestos operários com o emprego do exército (como na República Portuguesa); a aniquilação desapiadada de toda a manifestação de descontentamento no país, chegando-se a açoitá-los camponeses e a arasar as suas povoações com artilharia (nos distritos do Ural, do Volga e de Kuban, na Sibéria e na Ucrânia) — tudo isso o operariado de Petrogrado e Cronstadt, incluindo os soldados e marinheiros, devia tolerar: infelizmente, contra a vontade do Krenlim, a guerra era a originadora de todas essas causas. Logo que terminasse tal estado de coisas, entrar-se-ia num período de francas realizações...

É o povo, acreditando piamente nas desculpas governamentais, não querendo que a Revolução se perdesse — sujeitou-se a toda a sorte de torturas, à fome, ao frio, à luta nos campos de batalha...

Até que terminou a guerra, até que surgiu uma época de mais alívio, de maior tranquilidade para o governo bolchevista, o qual, apesar de tudo, apenas principiou a dedicar-se à sua autoridade política, à centralização bolchevista, ao alargamento da burocracia, etc., etc. O terror prosseguia cada vez com mais intensidade.

Os operários de Petrogrado, fiados nas promessas de Lênine e camarilha, estavam ansiosos para cooperarem e darem o seu esforço criador e todas as suas iniciativas, a fim de se fazer ressurgir da ruína cada localidade, a fim dos sofrimentos e da mais negra miséria se atenuarem o mais possível. Mas o governo bolchevista, entretido com a militarização e com a conversa concessão com o capitalismo mundial, não podia

perder tempo com a importância *irritante* dos operários, que exigiam o cumprimento dos compromissos tomados.

Quizeram fazer-se ouvir nos comícios: a ditadura comunista dissolveu-os, como a nossa ditadura republicana costuma fazer.

Como protesto, declararam a greve nas fábricas e nos arsenais de Trubotchny, Patronny, Baltiyki e Laferm. Exactamente como acontece em Portugal, houve a repressão dos grevistas: os operários foram dispersos em Vassilavsky Ostrov e Galernay, aqui quando conseguiam a adesão dos seus camaradas das fábricas que trabalhavam e dos estaleiros. Ainda não foi o suficiente; o comité executivo dos soviets, isto é: Zinoviff, declarou o *lok-out* aos operários da fábrica Trubotchny, atirando-os para a miséria, para a fome. Tal qual como nos países... burgueses...

Estes acontecimentos emocionaram Cronstadt. Uma missão de operários, marinheiros e soldados certifica-se dos verdadeiros factos. Um comício público, ao qual assistiram dezasseis mil marinheiros e Kalinine e Vassilief, o primeiro alto comissário da frota do Báltico, e o segundo presidente do comité executivo dos soviets de Cronstadt — votou a revolução de, não só apoiar as reclamações dos operários de Petrogrado, mas ainda, entre outras coisas, reclamar: novas eleições dos soviets e por escrutínio secreto, posto que os existentes já não tinham a confiança dos operários e camponeses; a liberdade de pensamento pela palavra e pela imprensa para os operários e camponeses, para os anarquistas e partido socialista da esquerda; a libertação de todos os presos políticos, socialistas, operários e camponeses, soldados e marinheiros do exército vermelho. Era bem pouco. Mas apesar disso, a comissão portadora destas reclamações, foi presa em Petrogrado, e nunca mais se soube dela.

O estado comunista, quer dizer: Lênine e Trotski consideram Cronstadt fora da lei e fixam o dia 7 de março para atacar aquela cidade, a fim de pagar bem caro o seu atrevimento de se pronunciar pela liberdade do povo, dos operários e dos soviets, que estavam monopolizados pelo governo bolchevista.

Não houve apelações, não se atendeu a ninguém; e, depois de Zinovieff se tornar o carasco dos marinheiros de Cronstadt, como paga deles o terem salvo das fúrias de Ke-

renski, e de Trotski se tornar o chefe das forças atacantes — às 6,45 da tarde de 7 de março,—di-lo Barkman—o eco dos tiros da artilharia pesada ouvia-se nas estradas de Petrogrado. Trotski tinha atacado Cronstadt!

«Os bolxevistas tinham disparado o primeiro tiro; e a página mais negra, mais ignominiosa do seu regime foi escrita.

«Depois de dez dias sangrentos, a luta terminou. A 18 de março, os bolxevistas comemoravam a Comuna de Paris, e celebravam ao mesmo tempo—oh! ironia maldita—a sua vitória sobre Cronstadt. Como epílogo daquela «vitória», mais de quatorze mil homens jaziam mortos no solo. E a história escreveu, a letras de sangue, junto ao nome do partido comunista russo: Judas da Revolução!»

## Porque não creio em Deus

Preço: 1\$00, pelo correio 1\$10  
A' VENDA NESTA REDACÇÃO

### “A Comuna,, na provincia

**Mina de S. Domingos**—No dia 1 de Junho, os operários da contramina pediram aumento de ordenado, dizendo-lhes o director da empresa que escreveria para Londres nesse sentido. No dia 26 do mês findo, os mesmos operários instaram pela resposta às suas petições, sendo-lhes dito pelo director substituto que a empresa daria um subsídio, e não aumento de ordenado, nas seguintes condições: aos operários solteiros 120\$00; aos casados e sem filhos, mais 60\$00; e aos casados e com filhos (até três) mais 30\$00 por cada um. Este subsídio, que seria pago em Agosto corrente, e dizia respeito ao exercício de 1 de Julho de 1922 a 1 de Julho de 1923—mas que não era garantido para os anos futuros—era feito em bilhetes de crédito e só davam direito à compra de fazendas para vestuário. E se algum operário vendesse a fazenda, seria imediatamente despedido.

No dia seguinte, 27, os operários reclamaram que o subsídio lhes fosse pago em dinheiro. E no dia 28, pela manhã, a comissão operária foi chamada ao escritório do director, que lhe disse não poder fugir das ordens que tinha.

Pelas 14.12 horas do mes-

mo dia, o relêvo que devia baixar à contramina estacionou à boca do tunel até que foi ali o director da mina e disse-lhes: quem quer as coisas conforme eu expus, muito bem; quem as não quiser assim, não sei o que lhes faça: eu não posso ir além das ordens do director efectivo.

Os operários disseram, então, que não desciam enquanto o director não resolvesse dar-lhes o dinheiro; e, depois, dirigiram-se aos outros departamentos, onde os operários abandonaram imediatamente o trabalho.

No dia 31 esteve aqui o administrador do concelho; falou com a comissão operária, após o que, se dirigiu ao director, pedindo-lhe para aceder às justíssimas reclamações dos trabalhadores, que ganham, realmente, uma ridicularia.

O director pediu-lhe para voltar de aí a pouco, porque tinha de se reunir com os seus colegas.

Voltando, efectivamente, de aí a pouco, a comissão operária e o administrador, foi-lhes dito que nada poderiam fazer sem autorização de Londres.

Depois de várias *démarchés*, os operários retomaram o trabalho no dia 2, e resolveram mandar para Londres, com o praso de 21 dias para resposta, as suas reclamações. E caso elas não sejam satisfeitas nesse praso, declarar-se não em greve.

As reclamações, são como seguem:—Pagamento, em dinheiro, do subsídio que nos queriam dar em papeis de crédito; que, de futuro, nos seja pago, de três em três meses, o mesmo subsídio; pagamento dos dias perdidos, e compromisso assinado de que não se exercerão perseguições nem represálias.

Findo o praso que se combinou, ver-se há o caminho que teremos de seguir. Notemos, porém, que por enquanto há motivos para supor que a greve será um facto, porque veio um telegrama de Londres dizendo que «fariam face a qualquer movimento», e o director mandou preparar alojamento e colchões, certamente para requisitar força armada, logo que chegue a resposta que espera...

A miséria, é insuportável. Veremos o que sai de tudo isto.

Informarei.

LIBER.

### CORREIO DE “A COMUNA”

LISBOA—*Abel Andrade*. Precisamos que indiques a tua nova morada.

## As prepotências governamentais

Apesar de estarmos em república democrática, todos os homens de sentimentos nobres e de aspirações generosas se revoltam, neste momento, em que não há a menor sombra de respeito pelos belos princípios de liberdade e justiça que tam grandes sacrificios teem custado à humanidade.

E' assim, que, indignado, levanto a minha voz para protestar contra a opressão e a tirania governamentais que, a exemplo do que se dava na ominosa *senhora* de manto e corôa, ferem tam *democraticamente* as consciências em revolta contra uma sociedade podre.

Os governos, para justificarem a sua inútil e prejudicial existência, não hesitam em praticar as maiores infâmias que, longe de consolidar o seu nefasto pederio, cada vez mais o enfraquecem.

Por isso, a menor *alteração da ordem*—a *ordem* burguesa é a conformação, imposta violentamente, às suas vítimas, por meio da fome, da miséria e da escravidão!—os *lacos* da burguesia, em vez de fazerem justiça, iliminando as causas que provocam a alteração dessa tam decantada *ordem*, prestam-se aos mais repugnantes papeis, de *oficio*, cometendo as maiores injustiças, como por exemplo: perseguir e prender a tôrto e direito, criaturas inocentes que nada teem com os crimes que lhes são imputados, mas que, pelo facto de terem ideas belas, sofrem as iras policiescas!... E os governantes não se incomodam nada com os grandes prejuizos morais e materiais que causam às suas vítimas!

No regime capitalista não se pode pensar nem sentir humanamente; porque, quem o fizer, está sujeito às brutalidades dos mantenedores da ordem que, para a *manter*, provocam a desordem. E' que, a missão dos governantes, não é evitar os crimes, mas sim puni-los de forma a conservar-se as causas que os produzem, para justificação da sua ociosa e parasitária existência. Porque, se não houvesse crimes, para que serviriam os governos e as autoridades? Para nada.

Por isso, muitos crimes são cometidos pelas próprias auto-

ridades, não só para justificar o dinheiro que ganham, como para dar a impressão, ao povo inconsciente, de que são indispensáveis à segurança pública, quando é precisamente o contrário!...

Se querem acabar com os crimes que envergonham a humanidade, ilimitem as causas que as produzem!

O dr. sr. Câmara Reis, na sua brilhante conferência, realizada na sede da C. G. T., conferência sobre a reforma do ensino, disse e muito bem: *a questão social não se resolve por meio de repressão; mas por meio da educação!*

Estamos absolutamente de acôrdo.

A opressão e a tirania germinam a revolta; e a revolta arma o braço vingador!

Mas os *nostros* governantes esquecem-se dêste grande ensinamento, apesar dos factos em Portugal o terem confirmado muitas vezes... E' que o poder embrutece; e a êle só aspiram os imbecis e farçantes que querem viver à custa do sacrificio do povo que trabalha. Por isso, não lhes servem de nada as lições da história. Dai o recorrerem aos mesmos processos retrógrados para atravancarem o avanço das ideas...

Mas, como são parvos e ridículos!

Há quantos séculos veem os governantes, apoiados por todas as forças retrógradas, perseguindo as ideas e os homens que as seguem?

E que vemos? Simplesmente isto: o aumento constante de consciências e de lutadores!

As ideas só se podem combater com outras ideas melhores.

De nada valerão, pois, as aparvalhadas e ridículas atitudes assumidas pelos tristes pigmeus Antónios Marias da Silva e quejandos! A história não mente: e é ela que nos diz que o caminho é para a frente e não para traz.

O progresso não tem limites. Limitar o progresso, seria limitar a própria vida.

Enquanto não desaparecer o último desgraçado para aparecer o primeiro homem feliz, o progresso jamais poderá parar. E se não foi possível deter a sua marcha no tempo em que havia tam poucas consciências, a despeito de, para isso, infligirem as torturas mais bárbaras e crueis aos seus pioneiros, como por exemplo, queimá-los vivos,—muito menos possível é hoje, em que o número das consciências é muito maior!...

M. C. MACHADO.

## DO QUE SE SABE

FACTOS E  
NUMEROS

Os factos e os números são o melhor argumento para demonstrar e convencer. Os números demonstram; os factos convencem. E' talvez uma pequena maçada semanal para os leitores o repositório contínuo do mesmo assunto para lhe demonstrar o erro dos nossos adversários de ideias, a falsidade das suas aspirações, a ilusão da sua fé. Mas, os factos, os números...

Estou convencido, de que a existência do regime capitalista, é a causa principal de todas as misérias e de todos os males de que a humanidade enferma; e, como convencido estou de que quaisquer efeitos não podem desaparecer sem que primeiro desapareçam as respectivas causas, as misérias e os males de que a humanidade enferma só desaparecerão quando deixar de existir o regime capitalista.

Há quem acredite, talvez de boa fé, que o fim dos males e das misérias pode ser alcançado com o advento duma república, governo do povo e para o povo, de que se nos apresenta como padrão triunfante e a copiar, a existente república dos soviets, sob a hegemonia do partido comunista. A verdade, porém, é muito outra. Na república russa existem e sofrem-se os mesmos males e as mesmas misérias que se sofrem em qualquer outro país subordinado a regime diferente, seja ele monárquico ou republicano. Na própria Austrália, onde o sistema de governo, sucessivamente constituído por trabalhadores, desde muito antes da existência da república da ditadura proletária russa, os mesmos males e, as mesmas misérias ainda não foram extintas. E' porquê? Porque o sistema do dinheiro, da propriedade privada, não sofreu abalo, não desapareceu.

Na Austria, como na Rússia, patenteiam-se-nos, por exemplo e para não poderem fugir à regra, uma legião enorme de operários, de trabalhadores, que por não poderem empregar a sua actividade e o seu esforço, estão sofrendo uma miséria atrás.

Segundo estatísticas publicadas em Sydney, na Austrália, havia ali, em Setembro, 7,5 por cento de trabalhadores

desempregados, de todas as indústrias. Na Rússia, segundo a insuspeita *Russian Information and Review* (3 e 17 de Nov.), havia ali em 1 de Setembro, 600 000 sem-trabalho inscritos nos registos oficiais soviéticos, sendo só em Petrogrado 111.117, um terço dos quais são membros dos sindicatos. E diz a referida revista; «Só quinze a desasseis por cento dos sem trabalho recebem auxílio.»

Como os que não recebem auxílio vivem, podemos todos nós avaliá-lo. Na Rússia, como em Portugal ou em qualquer outro país há quem queira trabalhar para comer e esteja condenado a morrer de fome porque o não deixam trabalhar. E' do regime monárquico, é do regime republicano, é do regime mais ou menos socialista, é do regime comunista-soviético? Não, não é. O mal é do sistema capitalista que todos esses regimes deixam de pé. Os capitalistas são senhores das indústrias, da agricultura, das minas, dos transportes; são donos exclusivos do solo e do sub-solo; vivem desse privilégio; monopolizam assim todas as coisas; regularizam ao sabor dos seus interesses a produção e o consumo. Aqui, o grande, o supremo mal, a fonte, a causa a origem de todas as misérias que pelo mundo se sofrem. E' estarão os trabalhadores dispostos a continuar a deixar-se espoliar do que lhes pertence em proveito da classe que vive do privilégio mantido e defendido por todos os governos, por mais avançados que se rotulem? Reparem que até no regime dos soviets, seguidor ou praticador do teórico socialismo marxista e cognominado agora comunista ou bolchevista, há quem seja forçado a humilhar-se a pedir trabalho para poder comer—o que é a negação do direito a viver. Ora, se é esta uma das grandes conquistas da ditadura proletária, tam exalçada pelos aspirantes a comissários, confessemos que é menos do que insignificante para a grande conquista a efectivar, e que se resume: direito à vida, inofismável, inalienável, para todos.

M. H.

TRABALHADORES! Lêde:

## O princípio do fim

por Ricardo Mella

Preço, \$10.

A' venda nesta Redacção

## As forças vivas

Marcial Jordão que, volta meia volta, se põe a «morder» no operariado, define assim as «forças vivas» do país:

«As forças vivas», se eu bem compreendo o que se entende por estas duas palavras, são as Companhias, o Comércio, a Indústria e a Agricultura. São a Moagem, os Tabacos, os Fósforos, e tutti quanti. Das «forças vivas» faz parte aquela fábrica que consegue obter um metro de mau chevrote, feito com lâ churra, por dez escudos, e o vende por quarenta a outra «força viva» na pessoa de um negociante de paños que mo impinge a mim por oitenta. Pertencem às «forças vivas» o armazenista que há tempo enterrou não sei quantas toneladas de bacalhau, só para que o fiel amigo não descesse de preço no mercado, e o retalhista que mo vende com um lucro certo de duzentos por cento. E' parcela integrante das «forças vivas» aquele droguista que outro dia, como a gripe entrasse de picar, assambarcou quanta mostarda e quanta antipirina havia à venda. E o banqueiro que joga com fundos, provocando a baixa da divisa cambial, que vem encarecer-me a vida enriquecendo-o a ele, e o lavrador que me vende o milho a vinte mil reis, não são, também, «forças vivas»?

Devemos convir que as definiu com bastante clareza. Pelo que se pode concluir: as «forças vivas» dum país são a mesma coisa que uma ladroagem organizada.

## PRÓ-PRESOS

## por QUESTÕES SOCIAIS

Transporte . . .	596\$22
Fôrto—J. B. Diniz . . .	1\$00
Vitorino Pereira . . .	1\$60
José Fontes . . . . .	1\$00
Bento da Costa . . . . .	2\$00
Albertino Gomes . . . . .	2\$00
Felisberto Novais . . . . .	1\$50
Costa Carvalho . . . . .	2\$50
Paiva . . . . .	2\$50
Rainha . . . . .	1\$00
António Cardoso . . . . .	2\$00
Setubal—A. A. Amieiro . . . . .	\$40
A transportar . . . . .	613\$72

## Vulgarizações

O Solstício  
do Inverno

Durante o ano, o Sol oferece-nos quatro aspectos muito interessantes, que andam ligados à história das religiões e dos deuses da fertilidade disparatada e ingénua dos antigos.

O primeiro, o equinócio da primavera, a 22 de Março, dá-nos a satisfação de ter a noite de igual duração ao dia, isto é, doze horas mergulhados nas trevas da noite e doze horas acariciados pelos benéficos raios solares.

A Terra vái girando ininterruptamente, como um motor contínuo, na sua vertiginosa marcha, de cerca de trinta e um quilómetros por minuto no seu movimento de rotação; e cerca de dois mil quilómetros por minuto no seu movimento de translação, sucedendo gradualmente o aumento de duração dos dias e diminuição das noites.

Vamo-nos aproximando do Solstício do Verão, isto é: a 22 de Junho, o Sol atingirá o seu zenite, incidindo os seus raios quase perpendicularmente sobre nós. Nesta ocasião os dias chegam a atingir cerca de desasete horas e a noite sete.

E' por esta ocasião que se celebram as festas de St.º António, S. João e S. Pedro, que simbolizam religiosamente as festas do fogo ou do Sol.

Depois do equinócio do Outono, a 22 de Setembro, em que voltam novamente a ter igual duração o dia e a noite, sucede a 22 de Dezembro o Solstício do Inverno, a que nos queremos referir.

Estamos precisamente no dia mais pequeno do ano e na noite mais longa.

Ora, os antigos povos egípcios, gregos, persas, índios, etc., sepultados na mais funda ignorância sobre os fenómenos astronómicos, lançaram-se numa devotada adoração ao Sol, chamando-lhe respectivamente: *Horus* ao nascente e *Osiris* ao poente, *Apolo* ou *Fobo*, *Ormuz* e *Deva*, dando-lhe a personalidade de Divindade, pois que, tendo um movimento aparente, devia ser vivo, aquecendo e desenvolvendo a vegetação.

O Sol gasta seis meses acima de nós, produzindo o tempo quente, em que a natureza se desenvolve; o verão, para em seguida repouzar outros seis meses; o inverno, onde tudo é tristeza, treva e desolação.

Os antigos eram, pois, adoradores do Sol, dedicando-o, dando-lhe é certo, vários nomes e forma, conforme a sua imaginação, variando de povos para povos.

Era motivo de terror quando, para estes povos, se aproximava o inverno.

Se era vasta a imaginação dos antigos, inventando um deus com vários nomes, (que era o Sol), seu protector e ente benéfico, também imaginaram a existência duma entidade maléfica.

Assim, os persas chamavam ao Sol: o deus Ormuz, deus da luz e do bem, que criou o Eren, ou lugar de delicias e abundância, e Ahriman, o deus das trevas e do mal, que introduziu o mal no mundo, isto é, o inverno.

No verão era o reinado de Ormuz, e no inverno o reinado de Ahriman ou Belzebuth, ou ainda o senhor diabo dos nossos carólas e católicos.

Os egípcios, ao aproximarem-se o inverno, ou antes, o *Solstício do Inverno*, sucedido de chuvas, trevas, frio e terror, supondo travar-se uma luta titânica entre o deus do bem e o deus do mal, saindo vencedor Ahriman, o *mafarrico*, choravam a morte do seu deus, celebrando este facto com a morte natural dum animal doméstico, que eles matavam em Dezembro, carpindo em seguida a tremenda desgraça de perder o seu querido deus.

Aos antigos não eram estranhos e desconhecidos os doze signos ou constelações zodiacais; em especial a constelação da virgem, por onde nós passamos em Dezembro, e que os mesmos povos traçavam na abóbada celeste linhas imaginárias a ligar aquelas estrelas, julgando ver nelas o contorno duma virgem, ou antes, duma mulher.

E' precisamente neste momento que o Sol novamente se volta a elevar gradualmente, parecendo que ressurgiu ou renasce; e os dias vão tendo maior duração.

Volta o contentamento, a alegria, as festas e a adoração à divindade, dizendo-se que a luz triunfava das trevas, ou, dito à moderna pelos animais civilizados: deus triunfa do deus ódio.

O Sol esteve abaixo do equador celeste durante seis meses; e, de aí, nem o dizer-se que a divindade desceu aos infernos, porque se julgava que o inferno era para baixo e o céu para cima. Estas absurdas teorias resultam da tendência dos homens primitivos para reduzir a lendas os conhecimentos astronómicos e os factos históricos.

Em conclusão: os antigos po-

vos, profundamente ignorantes e fanáticos, (não o sendo hoje menos, a nosso ver), eram ferreiros em fantasias e grossarias, e todos adoradores do sol; em seguida à morte dum deus inventavam outro, o deus menino, um deus novo, (o sol nascente), dando-lhe a configuração dum pequeno ser humano recém-nascido, ao colo da mãe ou deitado sobre palhas.

Como em Dezembro passamos pela constelação da «Virgem», (grupo de estrelas), do «Presépio» e dos «Reis Magos», encontrando também a constelação do «Vaqueiro», de aí a ligação do filho à mãe, que vem a ser a constelação da virgem, dando à luz o neófito no «Presépio», grupo de estrelas, tendo como assistentes os «Reis Magos» e o «Vaqueiro», outros dois grupos de estrelas ou constelações.

Eram interessantes as variadas formas por que os povos celebravam este facto.

Na Grécia expunha-se a deusa Ceres, (da mitologia), a quem chamavam virgem, com um menino deus nos braços. Ceres era a deusa da agricultura e o menino era o sol nascente. Em Roma passeavam em procissão a imagem de Baco, deitado num berço aos gritos de Anual ou Natal, o que queria dizer: nasceu-nos um deus.

Na Pérsia o sol nascente era Mithra, nascido a 25 de Dezembro, ao colo da Virgem.

Temos, pois, explicado, na medida do possível, o que foi e o que ainda é hoje o *Natal*, ou *Festa da Família e Paz Universal*, que os modernos carólas nos pintam, tendo a infeliz audácia de, neste momento de série de conhecimentos, estamparem de variadas formas, em toda a imprensa conservadora e burguesa, gravuras alusivas ao acto, que são a antítese da verdadeira origem do Natal e a afirmação da sua ignorância ou o seu interesse hipócrita em manter o povo num constante temor aos inventados deuses, bem como sujeito à obediência dos senhores da terra, das minas, das fábricas e das oficinas.

Eis, resumidamente, ao que deu origem o interessante facto astronómico: *Solstício do Inverno*, mercê da ignorância e da imaginação fantástica dos povos de todos os tempos.

No próximo número, esperamos fazer também uma análise científica à *Trindade dos católicos*, que é a trindade de todas as religiões antigas, e que ainda se prende com este estudo crítico.

ORLANDO TEIXEIRA.

## ANTOLOGIA

### Universalidade do Anarquismo

*O cristianismo e o catolicismo, estendendo-se pelo mundo, tiveram que adaptar-se aos costumes e às tradições que encontravam, dando assim lugar a um sem número de heresias e de novas igrejas. A conclamada universalidade da doutrina ficou, na teoria e na prática, como uma simples expressão literária, nunca chegando a estabelecer a um apregoada fraternidade entre os povos católicos, que hoje e sempre se guerrearam entre si com uma ferocidade muito particular.*

*No entanto, vemos que os anarquistas, seja qual for o grau de latitude em que vivem, o idioma que falam, a raça a que pertençam, ficam anarquistas, propagadores e defensores do mesmo conjunto de doutrinas...*

*O anarquismo, concepção sociológica que pretende estabelecer uma sociedade baseada na liberdade integral e na igualdade económica, é, portanto, uma doutrina aclimatável em todos os países, porque representa uma aspiração comum a todos os oprimidos, seja qual for o grau de opressão que pese sobre eles.*

ARSÊNIO BITTENCOURT.

## CORREIO DE "A COMUNA"

FRONTEIRA — Associação dos Rurais — Recebemos 6\$00.

VALENÇA DO MINHO — Artur J. dos Santos — Idem, 17\$00. Pago até ao 42.

LISBOA — Grupo «Semeador» — Idem, 7\$50. — José de Campos Idem, 16\$00, de assinantes e venda. Pago até ao 42.

FIGUEIRA DA FOZ — Valentim Lopes — Idem, 15\$00. Pagos — Izidro e tú — até ao 52. Seguem folhetos. Obrigado.

PÓVOA DE VARZIM — A. Ferreira — Recebemos 14\$00. Pago até ao 40.

CASA BRANCA — A. Rosa — Aceitamos; já foi o n.º 43. Obrigado.

CHAMUSCA — A. Luis Cardador — Recebemos 20\$10.

VIGO — Manuel Tuboada — Idem, 17\$50. Pago até ao n.º 55.

AMÉRICA — António Ferreira — Recebemos 4 dólares e três novos assinantes. Fizemos a mudança.

SETUBAL — A. A. Amieiro — Idem, 3\$00: 2\$00 para a assinatura, que fica paga até ao n.º 45; e 1\$00 para folhetos que já foram. — S. S. Fonseca — Idem, 1\$00.

## Secção de Livraria de "A Comuna,"

(BIBLIOTECA DE «A COMUNA»)

### PREÇÁRIO DE LIVROS E FOLHETOS À VENDA

Acções de «A Batalha» . . .	1\$00	J. GUESDE — A Lei dos Salários . . . . .	3\$00
A. GUERRA — O Proletariado Histórico . . . . .	775	JOÃO MOST — Peste Religiosa . . . . .	4\$00
A Las Consciências Honoradas . . . . .	2\$00	KRAPOTKINE — A Moci-dade . . . . .	3\$00
B. LAZARE — A Liberdade . . . . .	5\$00	Idem — Bastidores das Guerras . . . . .	2\$00
B. LUX — O Sindicalismo e os Intelectuais . . . . .	5\$00	Idem — A Moral Anarquista . . . . .	4\$00
CHUECA — Como não ser Anarquista? . . . . .	3\$00	LANDAUER — A Social D. na Alemanha . . . . .	2\$00
CONTENT — Contra o confusionalismo . . . . .	2\$00	MELLA — O Princípio do Fim . . . . .	2\$00
DELLAISI — Os Financeiros, os Políticos e a Guerra . . . . .	3\$00	NANSEN — Fome na Rússia N. VASCO — Concepção Anarquista do Sindicalismo . . . . .	2\$00
E. CHAPPELLIER — Porque não creio em Deus . . . . .	1\$00	Idem — Georgicas . . . . .	3\$00
E. POTTIER — A Internacional . . . . .	2\$00	RECLUS — A Evolução Legal e a Anarquia . . . . .	3\$00
E. SILVA — Teatro Livre e a Arte Social . . . . .	2\$00	VARIOS AUTORES:	
ETIEVANT — A Minha Defeza . . . . .	4\$00	A Canalha . . . . .	1\$00
ETTOR — Unionismo Industrial . . . . .	3\$00	A Internacional . . . . .	1\$10
FAURE — Doze Provas da Inexistência de Deus . . . . .	3\$00	A Maçonaria e o Proletariado (trad.) . . . . .	3\$00
HAMON — A Crise do Socialismo . . . . .	5\$00	A Novela Vermelha . . . . .	2\$25
J. C. SOUSA — A Propriedade Privada . . . . .	3\$00	Mujer, esclava ó companheira? . . . . .	1\$10
		Organização Social Sindicalista . . . . .	3\$00

PELO CORREIO: — Para o Continente, Espanha e Ilhas, mais \$10. Para a Africa e Estrangeiro, mais \$40. — Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

Pedidos: "A COMUNA"

Apartado, 17 — Porto

"A BATALHA"

C. do Combro, 38-A-2.º — Lisboa